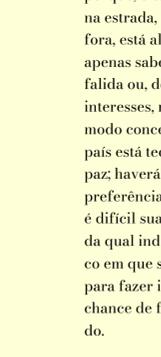


De ti fugiram as riquezas, as riquezas e os pobres do espírito, que te salvaram antes das iniquidades, alheia à mal-querença, ao acúmulo, às tentações da riqueza e do poder. E porque te salvaram forte em tua simplicidade e incorruptível em tua escuta, tentaram abanar-te, pela incapacidade de te alcançarem a estatura. E tu te manténs, sereno e limpo, apartado de suas torpezas.

©Orair Nunes — A Saga do Justo — Trecho em Continuação — A Consagração dos Medidores, parte final — Vedada a utilização e o armazenamento para qualquer fim ou por qualquer meio



ORAIR NUNES

As cabeças estão nas eleições presidenciais do próximo ano. É burlesca a expectativa das bobagens que se ouvirão. Das promessas que serão feitas, da solenidade que serão repisados os problemas do país, como se a população, que os sofre na carne e no dia a dia, não os conhece, limitados, de todo modo, ao que não é essencial, porque, o essencial, além de não interessar aos que já estão na estrada, na Administração, na oposição ou correndo por fora, está além da capacitação de quem, por um lado, apenas sabe ou quer seguir o caminho da velha política falida ou, de outro, não passa de agente de grandes interesses, nativos e alienígenas, aos quais de nenhum modo concernem os interesses do Brasil e sua população. O país está tecnicamente quebrado, mas ainda em relativa paz, haverá quem trabalhe para que continue quebrado, de preferência sem paz. Resta alguma dúvida sobre o quanto é difícil sua posição em face da comunidade internacional, da qual indispensavelmente dependerá para sair do buraco em que se encontra? Não temos meios, nem estrutura, para fazer isso sozinho, assim como não, nem temos qualquer chance de fazê-lo com base nos discursos que temos ouvido.

Não podemos continuar uma ilha dominada pela retórica e pela fantasia. Com um déficit gigantesco, um contingente galopante de desempregados, exportações e balanço comercial em risco pela dependência da mineração e da agricultura, expressões econômicas primárias de países pobres e atrasados, cidades inteiras do agreste nordestino sem ter o que comer, a fome instalada no seio da população, bilhões de Reais drenados do fluxo de caixa orçamentário para atendimento de conveniências eleitoreiras de Congressistas, e mais, e mais; tudo de negativo combinado com um panorama de incertezas gerais, o que se ouve e vê está à margem das reais e urgentes necessidades do país, coroadas por *navidades* de Partidar. O postulante à candidatura à presidência pelo Partido paulista, com uma votação ridícula nas últimas eleições presidenciais, derrotado na disputa interna, é o *achado* do ex-presidente para seu vice, depois de, recebido com honras de Chefe de Estado na França, fazer apologia de ditadores. Aparentemente, e por um lado, parece ansioso para cair nas presquises, e, de outro, passa a impressão de não haver aprendido nada com a vice-presidência da Sra. Presidente Rousseff. Teremos um novo vice, membro de destaque de um partido que, parece não haver dúvidas, perderá também em 2022, derivando naturalmente para a oposição, reclamando protagonismos? Absurdos se verificaram em 2018 para tirar o da corrida presidencial; o ex-presidente vai agora correr esse risco? Ele crê, mesmo, que, desde que contem com alianças estratégicas, não tentarão outra vez defenestrar o PT da Presidência da República, seja por que meios for?

Que tal refletir com um mínimo de clareza sobre poupar o Brasil e sua pobre gente de novos traumas e da consumação da tragédia nacional não apenas esboçada, senão que, marcante e amargamente, já presente no dia a dia dos brasileiros? Abram-se os olhos, o problema não é de nomes, mas de largueza de visão.

[Choque de Realidade – Revista — Publicado em 29Jan2018]

REPUBLICA-SE COMO A SEGUIR OS ARTIGOS PUBLICADOS EM NOVENO DE 2019. OS MESES DE AGOSTO A DEZEMBRO DE 2019 DESAPARECERAM DO BLOG, SUMIRAM, ENTRE OUTROS. NA PRÓXIMA SEMANA, O MÊS DE DEZEMBRO DAQUELE ANO ESTARÁ SENDO REPUBLICADO.

## TIOS THOMAS

Quando se estuda uma biografia, por menos que se o pretenda o nome do biografado fixa-se na memória como consequência natural do conhecimento adquirido das questões relevantes sobre ele. E nada mais importante do que o nome do biografado. Com vistas ao artigo anterior, é Patricia Viseur Sellers e não Patricia Liseur Sellers. Eu não costumo cometer desrespeitos, bem menos desrespeitos grosseiros. Pai, ilumina-i-os; eles sabem o que fazem! [Paráfrase de Lucas 23:34, reflexo de uma exortação do Jesus bíblico; as palavras do Jesus histórico terão sido: *Eli, Eli, lama sabactani*, em aramaico Pai, Pai, porque me abandonaste? (Mateus, 27:46 e Marcos 15:34).

Ainda com vistas ao artigo anterior, eu melhor expressaria minha homenagem à Consciência Negra, em seu dia, se, em lugar de ‘emocionada’, eu empregasse a palavra ‘comovida’. Porque assim é. A história dos brasileiros de origem africana, cujos antepassados foram abjetamente escravizados no Brasil, abrindo a mal cicatrizada chaga que envergonha e sensibiliza os seres humanizados, é dolorosa, cruel, seres humanos transportados com menor cuidado do que os animais, mortos em quantidades assustadora nos porões imundos e sem ventilação dos navios negreiros, e em condições de higiene menos que selvagens, atirados ao mar com dejetos, humilhados e explorados depois pelo colonizador não afeito ao trabalho, sua memória traída pelos tios Thomas do Brasil escravista e pós-escravista, que chegaram aos tempos atuais se prestando a ridicularias para se assegurarem das migalhas da mesa branca, elitista e discriminadora, com sua irrefreável vocação senhorial e teadência dominadora.

Nossa história escravista, dormitando, parece haver despertado, e, pior, tudo fazendo crer sermos, hoje, um país de tios Thomas de todos os matizes.

Transevo:

A cotação do dólar, acima dos quatro Reais, dá a medida da desconfiância no panorama eleitoral descortinado, a ele somando-se a situação econômica do país, o déficit exacerbado nas contas públicas federais e a falta de permissões orçamentárias para qualquer coisa na próxima Administração. O que fizeram os senhores da bagunça, do ódio e da divisão de algo mais de três anos para cá foi desarrumar por completo a vida do país e dar-lhe um nó cujo desate só Deus sabe quando virá. Em análise final, pararam o Brasil, restando uma diferença fundamental: A crise da época em que iniciados todos os nossos graves desacertos, salvo a parcela tocante à Economia internacional, parte menor da nossa infelicidade econômica e causa da nossa desventura institucional, foi fabricada; a crise atual é real, decorrente de problemas históricos agravados pela incompetência e pelos desmandos praticados desde o impedimento da titular da Administração anterior. Consta-se com horror que a partir de então teremos, por baixo, por baixo, uma década perdida, que se pode estender, digamos, talvez mesmo com exagerado otimismo, até por volta de 2030. Se ficar só nisso. Que futuro tudo isso reserva ao Brasil? (Segundo parágrafo do Artigo de 22 de Agosto de 2018, Um Desastre e Uma Saia Justa, Queira ver).

Encerro este Artigo com a pergunta de encerramento do Artigo acima referido:

Final, que classe de realidade é esta que estamos vivendo no Brasil?

## CLÁUSULAS PÉTREAS SÃO INTOCÁVEIS

Didaticamente:  
Constituição Federal, Art. 60, § 4º:

Não será objeto de deliberação a proposta de emenda tendente a abolir —

I. ....

II. ....

III. ....

IV. Os direitos e garantias individuais.

(CF Art. 5º – Grifo do blog)

O trecho grifado fixa o caráter pétreo da cláusula constitucional. Os incisos do parágrafo são intocáveis, inadmitidos, mesmo, pura perda de tempo, quaisquer digressões em torno do que dispõem. Nem sempre digressões são perda de tempo, ajudam em alguns casos a melhor se compreender um problema; no caso do parágrafo 4º do Art. 60, no entanto, a Constituição é concisamente direta: Nenhum dos seus incisos será objeto de deliberação, logo, não há razões, nem espaço, para divagações, pretextos, subterfúgios, nada há a ser postulado, explicado ou compreendido.

Apenas uma Assembleia Constituinte pode rever as cláusulas pétreas da Constituição do Brasil, oportunidade, também, para extinguir absurdos privilégios de castas a inviabilizar o país.

O movimento iniciado quando das eleições presidenciais de 2014 trouxe em seu bojo o enunciado que informo aberto desrespeito e a disposição de desmanche das Instituições: “Não se reelegerá, se eleger-se não toma posse, se tomar posse não governa”. Reiteradas foram as tentativas de mudar por vias oblíquas a orientação constitucional, estabelecendo o caos e promovendo o autoritarismo, projetado em todos os sentidos e direções. Uma onda de desinformação, meias-verdades e promessas fantasiosas tomou de assalto o país. Até chegar o tempo das eleições de 2018, tempo de esperanças para a imensa maioria da população, mas também de modo para a intolerância, para a incapacidade de conviver com os opostos.

O inciso pétreo LVI da Constituição Federal foi posto sob fogo pesado; de modo aberrante, postulou-se a admissibilidade, no processo, de provas obtidas por meios ilícitos, uma confissão de culpas e de métodos não ortodoxos. A Constituição, a lei, era vista, assim pareceu, como coisa de tolos que acreditavam em teorias, não era coisa para os agentes das mudanças a se desenharem. O desmantelamento institucional e constitucional do país já não exibia, apenas, contornos ideológicos; assumiu com a mais rara desenvoltura o caráter perverso de ideologia, uma ideologia totalitária e destrutiva.

Negada a revogação do inciso LVI, os esforços concentraram-se na revogação da presunção de inocência. O inciso LVII do Art. 5º, pétreo, da Constituição Federal passou a ser apresentado à população brasileira como o grande vilão das nossas suspeitas ambiguidades. O tempo correu, a verdade constitucional prevaleceu. Digressão sobre o inciso LVII é sofisticado, mera divagação; o que define a questão não é o inciso LV, a ampla defesa não é fim, é meio, defesa não se nega, não é favor. A pedra angular do inciso LVII é a presunção de inocência, impossível de ser mudada sem ferir o sagrado princípio de que culpado será somente quem tiver sentença penal transitada em julgado. Todo o resto é sofisma. Sem trânsito em julgado não há pena e não se pode atribuir provisoriedade de execução a algo que não existe. Execução provisória de sentença penal é algo de tal modo aberrante que causam espanto manifestações nesse sentido, além do que execuções provisórias exigem cauções para garantia do executado na hipótese dos recursos, que não são poucos, serem providos. A fúria condenatória não pensou nisso, ou não quis fazê-lo? O importante é, ou era, condenar?

É necessária uma tomada geral de consciência a partir do fiasco das tentativas do último fim de semana de mais uma vez ganhar no grito. Assiste-se agora ao inimaginável e ingrato desiderato de emendar uma cláusula pétrea da Constituição Federal por meio de modificação de um dispositivo de lei federal, infraconstitucional. É inacreditável haver quem pretenda o Código de Processo Penal se sobrepondo à autoridade da Constituição Federal; é o CPP que se tem de subordinar ao Estatuto da República, não este ter elidida uma cláusula pétrea por regra arbitrária da legislação penal. A insistência nesse propósito descabido recende a tentativa de subverter a ordem constitucional brasileira, o que é grave, gravíssimo.



No dia de celebração de sua consciência, minha emocionada homenagem aos heróis negros que, supliciados, desprezados e historicamente injustiçados ajudaram, e muito, a construir com braço forte e ânimo inquebrantável este país. O blog pede licença para incluir neste preito de gratidão Ms Patricia, sem acento no primeiro ‘i’, Liseur Sellers, de sólida formação e experiência, uma criatura do mundo, o humanismo personificado, uma advogada.

## ROMA LOCUTA CAUSA FINITA - 4

### OS DESAFIOS DA DEMOCRACIA

Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate; após, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-na em sua cabeça, e, na mão direita, um caníço. Então, ajoelhando-se diante dele, escarneceram, dizendo-lhe: Salve, rei dos judeus! E nele cuspiundo, tiraram-lhe o caníço e com ele bateram em sua cabeça. Depois de muito dele zombarem, despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias roupas. Em seguida, crucificaram-no. (Mateus 27, 28-31)

Um ritual de demolição de imagem variado ao longo dos séculos, sempre com violência, covardia e arbitrio. O escopo é a destruição do amor próprio, da autoestima, pela humilhação ostensiva e contundente, impiedosa, com o detalhe notável de que o método nem sempre funciona.

Não se trata aqui de puro sadismo; a finalidade do verdadeiro circo armado nas circunstâncias é a de criar uma imagem relativamente à qual a aversão se torne genérica e geral, utilizando-se para tanto a desinformação, a meia-verdade e a inverdade em larga escala. Não é, de fato, sadismo, é consideração, uma conjugação perversa de instintos que a menor selvageria, uma conjugação com as peças manipuladas para “esmerilhar” o alvo, peças vivas, ferramentas assim tornadas por espetáculos demolitórios precedidos de eficiente lavagem cerebral impregnada de ódio e desprezo não somente contra as vítimas prioritárias, mas contra todos aqueles a representar qualquer tipo de ameaça, a essa prática degenerada.

Quem odeia, quem semeia o ódio, todavia, nunca atenta para o fato da deformidade encerrar-se, estéril, em si, desmanchar-se em azedume, estiolar-se em seu natural processo autodestrutivo; as cabeças pensantes se cansam, tudo se faz pestilência, um clima doentio, falta rumo, pois odiar é um fim em si mesmo, que divide, desagrega e não constrói. As mãos, sujas, acostumadas ao lodo, ao estercor, apenas em tal atmosfera se sabem movimentar. Mas os seus espaços se vão encurtando no correr do tempo com a crescente percepção de que a malevolência é destrutiva, deletéria.

E chega o tempo do amor, que une, agrega e constrói; as vítimas do ódio não sabem odiar, as boas idoles em letargia começam a despertar. Os caminhos tortuosos e obscuros percorridos pela fúria condenatória e malevolente vão perdendo os seus esconços, começam a iluminar-se, enquanto o ódio, a soberberia e a vocação oportunista insistem nos atalhos, continuam em sua ingrata busca da viabilização do inviável, do irrealizável num mundo cujas estruturas já não os recebem, na letra fria e inexorável a mistificação impossível, o sopro da esperança devolvendo a treva aos corações a que pertence. Chegado o tempo do amor, uma ridicularia para os sacerdotes do ódio, um modo de vida para o ser humano investido de toda a humanidade, polido, a tempera apenas dosada no sentido do bom e do justo, chega com ele o tempo dos verdadeiros líderes, formados nas dobras das estocas imortais, dos que não se deixaram abater, daqueles que saíram engrandecidos e melhores dos seus mártires e dos seus suplicios. *Bienvenu à son retour.*

## ESPELHO, ESPELHO MEU...

Os gregos criaram os deuses e fizeram-nos viver no mundo dos homens para justificar a vida. Nietzsche perguntou em o Nascimento da Tragédia como poderiam eles suportar a vida, ainda engalanada em celebração efusiva, não fora pelos deuses, com quem muito não se importavam por saber estarem sempre por perto. De outro modo, insistindo em Nietzsche e nos gregos, difícil fugir à resposta aniquiladora de Sileno a Midas: espécie efêmera e miserável, produto fortuito do enfado, por que sou forçado a revelar o que jamais poderia compreender? O que deveriam preferir a qualquer outra coisa não está ao alcance de sua compreensão, pois, essa é a verdade, jamais haveriam de ter vindo ao mundo, não deveriam, jamais, ser, porque, de fato, são nada. Não merecem a vida, não a podem, então, desejar.

Agora é contigo, deixando de lado a turma, que nas tuas premências íntimas, quando te pões em face de ti mesmo, não te serve para nada: Apolo ou Dioniso?

Se Apolo, para que tamanho esforço, por que a extenuante tarefa diária de percorrer todo o céu conduzindo um carro de fogo; ou patrocinar a harmonia, e, para isso, criar a harpa, propiciar a profecia e com ela a poesia? Se Dioniso, por que enredar-se na realidade fértil, ou voler-se, apenas, para a natureza, patrocinar a fertilidade e proteger as colheitas; ou perder-se no vinho e na embriaguez?

Um pouco de cada coisa, menos o esforço de conduzir diariamente o carro de fogo céu afora porque a vida não te habitaste, que isso é mister para deuses, um para cada um, os deuses das galáxias, cada um com a sua e com o seu sol. Sabes bem o que fazes, inadvertido sátiro do *profanum vulgus*? Ou serás *cover* do Fausto goethiano quando aspiras ao zênite, mas te perdes no pó da iniquidade, vendes a tua alma? Tens um caminho, aponta o gênio ainda não envelhecido: *das Ur-Eine*. Por que não te voltas para o Um Primordial, o Cosmo? Podes aspirar a ele por ser uma criatura de lá, energia. Tens, apenas, de renunciar à Treva, deusa má, e voltar-te para a Luz, réstia de bem. Por que tens de permanecer sítiro, rústico, semideus de tronco humano, mas pernas e pés de cabra, orelhas asnas, chifres e cauda? Ou seres um Fausto vendido, ou uma górgona, cabelos de serpente, cujo olhar, porém, já não petrifica? Acabarás enfeitando o escudo de alguma Atena!

Acaço pensas, após tanto te perderes em iniquidades e desvios éticos/morais, restar-te ão resquícios, ao menos, de verdadeira humanidade, pobre criatura desenhada?

## JORNAL DA CULTURA - TV CULTURA, CANAL 32

Fui impedido, ontem, quinta-feira, 31, de assistir ao Jornal da Cultura, às 21:15. É sempre uma perda, ontem, especialmente, por mais de uma razão; vem acontecendo há algum tempo. De um ou outro modo, tenho corrigido a anomalia; dessa vez, porém, sumiu por completo da grade de canais, tendo sido impossível recuperá-lo, quer pela programação automática, quer pela programação manual, quer pela edição de canais. Evaporou-se!

Desde a noite de domingo vinha funcionando normalmente; na quarta-feira tive o privilégio, assim como os demais telespectadores, dos comentários do Doutor Lomanto Júnior, privilégio esse que se estende aos demais dias da semana, sempre com dois comentaristas de um time do mais alto nível e com a participação dos tele-assistentes por meio das faixas móveis.

Um Noticiário conduzido com total eficiência e profissionalismo por suas duas apresentadoras, vale a pena assisti-lo, pela independência, isenção e elevado padrão exibidos, como de resto em todas as emissões do canal. Nos domingos à noite, na fase corrente a partir das 17:30, com o Planeta Terra, a seguir, às 18:30, com o Matéria de Capa, às 19:00 com o excelente Por que odiamos? e às 20:00 com o saboroso Metrôpolis. É um oásis de inteligência, bom gosto e cultura em meio ao deserto de banalidades que é a televisão aberta aos domingos à noite.

Tem gente com medo da TV Cultura Canal 32, que precisa atentar para o fato de a estarem censurando extraoficialmente por vias transversas e meios ilegais, censurando por extensão os seus telespectadores e roubando-lhes a oportunidade de constatarem que a televisão não tem necessariamente de ser banal, vulgar, de mau gosto e manipuladora para cumprir o seu papel.

P.S.— (de hoje, sexta-feira, 10 de Dezembro)

E isso continua, agora com um toque de fúria. Quando escrevo alguma coisa do não agrado dos cavalheiros a TV Cultura some (vejo muito pouco televisão, quando assisto vejo basicamente os canais públicos. A programação dá de 10 aos canais privados, é inteligente e passa ao largo da vulgaridade). Estou sem ela há cerca de um mês. Sabem que assisto e curto o canal. Como sabem? Meu celular é grampeado, meu telefone fixo é grampeado, meus computadores são grampeados (ainda há pouco o *plantonista* copiou o texto), minhas televisões são grampeadas, ou sou escravo onde quer vá, minhas compras nas mercearias e nos supermercados são espionadas, sabem até a marca do vinho de minha preferência. E mentem pra caramba! É um barato! E tem também um negócio de acompanhamento das minhas conversas. Manipulo-os adoidado. Me divertio! Especialmente porque são também monitorados. Os mais assíduos estão inclusive catalogados. E tem mais, muito mais. É uma festa!

